

Editorial

As modernas tecnologias de comunicação detêm um grande potencial que pode ser empregado por nós para o desenvolvimento da musicoterapia. Com elas podemos diminuir distâncias que sempre foram um empecilho num país com as dimensões do Brasil, implementar os nossos debates, incrementar o intercâmbio, e discutir e tomar decisões sobre a nossa carreira.

A página da UBAM está no ar levando a informação para todos aqueles que buscam se inteirar sobre o movimento da comunidade. E a lista da UBAM veicula as discussões que se entrelaçam como uma rede que, trançada com as mais diversas opiniões, vai formando um tecido que resulta nos diferentes e cada vez mais complexos sons da musicoterapia.

A comunidade de musicoterapia se movimenta em várias direções: novas áreas da clínica são atendidas; aparecem novas tendências como fundamentação teórica; cresce a consciência a respeito da importância da pesquisa; associações são criadas; a implementação de novos cursos é objeto de debates e a relevância da atualização profissional e do aprofundamento dos nossos estudos é uma preocupação de muitos dos musicoterapeutas, embora ainda sejam poucos os que consigam realizá-los.

Neste número é possível se avaliar a importância destes estudos pelos artigos aqui veiculados, já que muitos deles são resultantes de trabalhos elaborados em cursos de mestrado. Outros, apresentam aspectos de um olhar mais acurado da prática clínica, ou, melhor dizendo, de uma escuta mais acurada.

Ainda uma palavra de destaque merece a realização do X Simpósio Brasileiro de Musicoterapia e do I Encontro Nacional de Pesquisa, organizados pela AGAMUSI, em Porto Alegre (outubro de 2000). Este Simpósio tem o apoio da UBAM, que concentra agora os seus esforços na discussão das estratégias políticas para a elaboração do projeto de regulamentação da profissão e que cada vez, mais se fortalece em torno do desenvolvimento da musicoterapia em nosso país.

Cabe ainda um esclarecimento sobre esta publicação. Embora a primeira revista tenha aparecido em 1996, desde 1998 não se lança uma nova edição. Assim, optamos por colocar Ano VI, que se refere ao tempo de existência da revista, e o número 5, por ser a quinta publicação.